

SITUAÇÃO E PERSPECTIVAS DA AVICULTURA DE CORTE BRASILEIRA EM 2004

Sônia Santana Martins¹

1 - INTRODUÇÃO

Em 2003 a avicultura brasileira produziu 7,8 milhões de toneladas de carne de frango, volume 4% superior ao verificado no ano anterior. A maior parte dessa produção foi consumida no mercado interno, onde a disponibilidade de carne de frango atingiu 33,3kg por habitante ano, valor ligeiramente inferior ao registrado em 2002. Para 2004, as entidades de classe da avicultura brasileira projetam crescimento de 6% na produção e de 9% na exportação, o que resultará em crescimento de 3% na disponibilidade interna (Tabela 1).

2 - EXPORTAÇÕES

As exportações de carne de frango em 2003 absorveram 25% da produção nacional e foram destinadas a 120 países. Pela primeira vez o Brasil foi o maior exportador de frango em termos de receita, embora tenha ficado um pouco atrás dos EUA no volume exportado. A taxa de crescimento das exportações, como já vinha ocorrendo há vários anos, foi muito superior à taxa de crescimento da produção, podendo-se afirmar que a exportação tem sido a maior dinamizadora da avicultura nacional.

Pelo desempenho verificado até o final do mês de março, é provável que as exportações brasileiras de 2004 venham a superar 2,1 milhões de toneladas, fazendo do País o maior exportador mundial de frango em termos de volume. Para esse resultado contribuíram, além da agressividade dos exportadores brasileiros, os surtos de *influenza* aviária que, após haverem se manifestado na Europa já no ano passado, surgiram no início deste ano na Ásia, onde foi detectada uma forma mais letal do vírus causador da doença, capaz inclusive de infectar e causar a morte de seres humanos. Até o momento já foram registrados 24 óbitos em pessoas e desco-

briu-se que a doença pode passar das aves contaminadas para pessoas que tenham contato com elas, mas não é transmitido de pessoa para pessoa.

Mais recentemente foram notificados casos de *influenza* também em várias regiões dos EUA, onde o problema parece já estar sob controle, e no Canadá, onde a doença está se disseminando rapidamente.

Como, até o momento, não houve casos dessa enfermidade no Brasil, o País tem chance de ocupar, no mercado internacional, os espaços abertos pela queda de produção dos países afetados, entre os quais estão grandes produtores e exportadores. Porém, essa vantagem pode ser temporária, a medida que os países afetados pela doença estão tomando medidas drásticas para eliminá-la rapidamente, sacrificando as aves infectadas e também as que estiverem nas regiões próximas. Na Tailândia, contudo, já por duas vezes foi preciso adiar a declaração de controle da virose devido ao surgimento de novos focos durante o período de 21 dias sem novos casos, que caracteriza o controle da *influenza*.

Na Tailândia, quarto exportador mundial em 2003, depois de EUA, Brasil e União Européia, a produção caiu de 40% a 50% e a exportação nos primeiros meses do ano caiu 20%, podendo ter se reduzido ainda mais se alguns importadores importantes, como o Japão, não tivessem aceito a substituição da importação de carne crua por carne cozida. Na China, as autoridades estimam queda de 20% na produção avícola de 2004, em função do sacrifício de parte do plantel e da perda de mercado externo. As exportações norte-americanas podem vir a cair em função da *influenza* e também da detecção de uma vaca com encefalite espongiiforme (doença da "vaca louca"), que teve grande repercussão no mercado de carne bovina, favorecendo o maior consumo interno de frango.

Porém, o maior efeito imediato desses problemas sanitários foi o aumento de preço da carne de frango no mercado internacional. Se-

¹Engenheira Agrônoma, Doutora, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 1- Dados Referentes à Avicultura Brasileira, 1999 a 2004

Discriminação	1999	2000	2001	2002	2003	2004 ¹
Produção de carne de frango (mil t)	5.526	5.977	6.736	7.517	7.843	8.280
Exportação (mil t)	771	907	1.249	1.600	1.942	2.114
Disponibilidade interna (kg/hab./ano)	29,1	29,9	31,8	33,8	33,3	34,2
Exportação/produção (%)	14	15	19	21	25	26
Taxa de crescimento da produção (%)	-	8	13	12	4	6
Taxa de crescimento da exportação (%)	-	18	38	28	21	9
Taxa de crescimento da disponibilidade (%)	-	3	6	6	-3	3

¹Refere-se à projeções de entidades de classe.
Fonte: APINCO, UBA, ABEF.

gundo compilação feita pela Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), dos dados da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), neste primeiro trimestre do ano, o volume de carne de frango exportado pelo Brasil cresceu 9% em relação ao exportado no mesmo período de 2003, enquanto a receita obtida cresceu 45%. Em fevereiro de 2004 o preço médio obtido por tonelada exportada foi de US\$839 para o frango inteiro, US\$1.148 para o frango em cortes e de US\$2.325 para o industrializado, preços bem melhores que os preços médios obtidos em 2003, que foram de US\$790 e US\$972 por tonelada de frango inteiro e em cortes, respectivamente, segundo a SECEX.

Comparando as exportações acumuladas de janeiro e fevereiro de 2003 e 2004 verifica-se que a exportação de frango inteiro cresceu menos de 1%, enquanto a de cortes, (especialmente peito e coxa) aumentou 11,8% e a do frango industrializado cresceu 85,8%, o que demonstra uma melhora na composição das exportações, com aumento da participação dos itens mais valiosos. Nesse sentido, da melhoria da composição das exportações brasileiras, há um longo caminho a percorrer, pois a exportação de produtos industrializados de frango está na faixa de 2% do volume total exportado, enquanto nas exportações da Tailândia, por exemplo, os industrializados correspondem de 25% a 30% do volume exportado.

Além de propiciar maior receita, a exportação de industrializados é menos afetada por problemas sanitários, como se observou agora no caso da Tailândia, cuja exportação de industrializados caiu muito menos que a de frango *in natura*, após o surgimento da epidemia de *influenza*.

Ainda no que se refere a questões sanitárias, é interessante registrar que, em abril, aconteceu na Argentina uma Conferência Inter-

nacional sobre Controle de Doenças Animais, com a participação de 50 países e importante porque, durante sua realização, a Organização Internacional de Doenças Animais (OIE) abandonou a posição anterior, de controle de epidemias pelo sacrifício em massa dos animais afetados, pela *"adoção de métodos alternativos de controle de doenças, que não só evitem a perda de proteínas animais valiosas, mas também estimulem o comércio internacional de animais e seus produtos, através da remoção de barreiras técnicas injustificadas decorrentes de doenças animais."* Entre as medidas alternativas, foram salientados o desenvolvimento e a utilização de vacinas. Essa mudança de posição da OIE é muito importante para o Brasil, especialmente no caso da doença de *Newcastle* em aves e da febre aftosa em bovinos, pois a maior parte dos rebanhos brasileiros é considerada livre dessas doenças com vacinação, condição insuficiente para a entrada dos produtos em alguns países, situação que tende a mudar por influência da decisão da OIE.

3 - MERCADO INTERNO

Em 2003, a rentabilidade da avicultura nacional foi mais favorável do que em 2002, pois houve evolução positiva dos preços do frango em todos os níveis de mercado (Tabela 2), além de ter havido relativa melhora do preço do frango vivo em relação ao preço dos principais insumos utilizados na sua produção, milho e farelo de soja (Tabela 3). Só o preço de exportação apresentou redução real, o que não impediu que as exportações crescessem 21%.

No primeiro trimestre de 2004, embora a disponibilidade interna de frango esteja muito semelhante à observada em 2002 e 2003, os preços do frango para o produtor e no atacado

TABELA 2 - Evolução de Preços Anuais de Frango nos Vários Níveis de Mercado, Brasil, 1999 a 2004

Discriminação	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Preços correntes (R\$/kg)						
Produtor	0,79	0,90	0,97	1,11	1,44	1,46
Atacado	1,18	1,34	1,41	1,57	1,94	1,91
Varejo	1,49	1,81	1,81	2,08	2,71	2,83
Exportação FOB		1,63	2,26	2,50	2,71	3,06
Deflator IPCA/IBGE	1.528,4	1.636,1	1.748,0	1.895,7	2.175,0	2.271,0
Preços reais (R\$ março 2004)						
Produtor	1,17	1,25	1,26	1,33	1,50	1,46
Atacado	1,75	1,86	1,83	1,88	2,03	1,91
Varejo	2,21	2,51	2,35	2,49	2,83	2,83
Exportação FOB	-	2,26	2,94	2,99	2,83	3,06
Variação real de preço (%)						
Produtor	-	6	1	6	13	-3
Atacado	-	6	-2	3	8	-6
Varejo	-	13	-6	6	14	0
Exportação FOB	-	-	30	2	-5	8

Fonte: IEA/SAA, CACEX e IBGE.

TABELA 3- Relações Relevantes entre os Preços Médios Anuais da Avicultura de Corte, Brasil, 1999 a 2004

Relação	Unidade	1999	2000	2001	2002	2003	2004 ¹
Frango/milho	kg/kg	4,88	4,25	6,17	4,43	4,65	5,00
Frango/farelo soja	kg/kg	1,83	1,81	1,75	1,86	2,21	1,81
Frango/pinto dia	kg/u.	2,16	2,98	2,34	2,75	2,88	2,47
Atacado/produtor	kg/kg	1,50	1,49	1,47	1,40	1,35	1,31
Varejo/atacado	kg/kg	1,26	1,37	1,29	1,34	1,40	1,48
Expo/produtor	kg/kg	-	1,81	2,33	2,25	1,88	2,09

¹Os dados referem-se ao primeiro trimestre.

Fonte: Elaborada com dados do Instituto de Economia Agrícola e da Associação Brasileira de Exportadores de Frango (ABEF).

estão menores, em termos reais, do que os preços médios verificados no ano anterior (Tabela 2), o que tem sido atribuído por analistas do mercado à redução do poder de compra da população, decorrente do desemprego elevado e da compressão dos salários.

Embora a relação frango/milho, nesses três meses de safra do milho, tenha sido melhor que a do ano anterior, é provável que ela se reduza no decorrer do ano, em função da menor produção nacional. A relação frango/soja, que no primeiro trimestre já foi mais desfavorável que no ano anterior, também pode cair mais no decorrer do ano, se houver valorização do dólar ou aumento do preço da soja (Tabela 3).

O pequeno aumento concedido ao salário mínimo não deverá alterar esse quadro, porém os preços podem reagir um pouco quando se iniciar

a entressafra da produção da carne bovina, cujos preços estão igualmente baixos neste início de ano.

Outra possibilidade de recuperação de preços do frango no mercado interno é a maior destinação de produto para o mercado externo. Como se pode ver na tabela 2, o preço de venda do exportador foi o único que apresentou evolução real positiva neste primeiro trimestre de 2004.

O setor atacadista, constituído pela indústria de abate do frango, segue sofrendo compressão na margem de lucro, enquanto o varejo conseguiu recuperar sua margem em 2002, 2003 e no primeiro trimestre de 2004 (Tabela 3). Já o setor exportador, que sofreu forte compressão da margem em 2003, apresenta alguma recuperação em 2004, aumentando o diferencial entre os frigoríficos exportadores e os que atuam apenas no mercado interno.